

Funaro aos bancos: nós também temos acionistas

ELIANE GAMAL
Especial para O Estado

NOVA YORK — “Também temos nossos acionistas. Eles são o povo brasileiro e totalizam 135 milhões. Nosso compromisso fundamental é com os 70 milhões deles que foram às urnas a menos de um mês atrás.” A frase foi dita ontem pelo ministro da Fazenda, Dilsen Funaro, em um contundente pronunciamento a uma platéia de banqueiros reunidos no seminário sobre Dívida Externa e Comércio, em Nova York.

Funaro disse aos banqueiros que depois de prolongadas tentativas de convencer racionalmente nossos parceiros, atingimos agora um porto onde todas as partes envolvidas devem assumir suas responsabilidades. E acrescentou que o Brasil não pode continuar a drenar seus recursos para o Exterior, mas precisa utilizá-los para melhorar o nível de vida da população. Lembrou que em 1985 o Brasil transferiu ao Exterior 24% de sua poupança bruta. “Ainda não perdi a esperança de que o bom senso possa prevalecer”, afirmou o ministro.

“Para que os países devedores possam crescer, é necessário aumentar suas taxas de investimento. Eles precisam também expandir a capacidade de importação. Isto significa que os devedores não podem continuar usando os superávits da balança comercial simplesmente para o pagamento de suas dívidas”, disse.

O ministro da Fazenda insistiu na tese de que o crescimento econômico dos países devedores continua sendo ainda o único caminho para acabar com a crise da dívida externa e a questão das relações comerciais internacionais. Os modelos de ajustes da economia impostos até agora só levaram à recessão, compressão das importações, aceleração da inflação e um empobrecimento cada vez maior das populações desses países.



AFP

Funaro e Brodersohn, da Argentina, no seminário

À saída do seminário, o ministro Dilsen Funaro falou por alguns minutos com os jornalistas brasileiros sobre a sua ida a Washington na quinta-feira e principalmente seu encontro com o presidente do Federal Reserve Bank, Paul Volcker. Segundo Funaro, nessa reunião, o Brasil começou a propor novos mecanismos de financiamento que poderiam ser adotados — como operações de co-financiamentos com projetos do Banco Mundial ou operações de bônus — mas que permitam ao país retornar ao mercado, além de sugerir uma mudança no relacionamento entre credores e devedores, que permitam um maior crescimento das economias dos países endividados.

O ministro Funaro afirmou estar otimista em relação às negociações com o Clube de Paris e disse ter sentido muitos progressos nas conversações mantidas nos Estados Unidos, principalmente a aceitação da posição brasileira em não ir ao Fundo Monetário Internacional.